

Os 70 anos da Coluna Invicta

Movimento liderado por Luís Carlos Prestes marcou a oposição de setores militares ao governo na década de 20, abrindo caminho para a Revolução de 30

Marcelo Monteiro

Um dos principais marcos da década de 20 na área política brasileira foi a eclosão do movimento tenentista, que acabou sendo o foco detonador da Revolução de 1930, decretando o fim da República Velha*. Contrariados pelo sistema de sucessão de presidentes indicados pelas oligarquias paulista e mineira (a chamada política do café-com-leite), os baixos soldos pagos aos oficiais e o atraso técnico do Exército, jovens oficiais se insurgiram contra o governo. O exemplo mais famoso dessa oposição ocorreu há 70 anos: a revolta da noite de 28 para 29 de outubro de 1924 no Rio Grande do Sul, que daria origem à Coluna Prestes, batizada com o nome de seu principal comandante, Luís Carlos Prestes.

O movimento tenentista explodiu com a eleição de Arthur Bernardes em março de 1922 para a Presidência da República. Parte da oficialidade des-

contente com o regime político vigente apoiou ativamente o opositor Nilo Peçanha, indicado pela oligarquia do Rio de Janeiro. Segundo a historiadora Anita Leocádia Prestes, autora do livro *A Coluna Prestes* e filha do "Cavaleiro da Esperança" e de Olga Benário, setores da jovem oficialidade militar se tornaram uma espécie de "caixa de ressonância da insatisfação existente no Brasil em relação ao domínio oligárquico de São Paulo e Minas Gerais".

A revolta de setores militares contra o mineiro Bernardes foi inflada também por uma série de cartas publicadas no jornal *Correio da Manhã*, do Rio de Janeiro, quando o futuro presidente criticava o Exército, dizendo que militares poderiam ser subornados. Posteriormente, se comprovou que as cartas eram falsas.

A derrota de Nilo Peçanha, num sistema eleitoral considerado como fraudulento pelos "tenentistas", serviu para acelerar a articulação do movimento. Na época, o voto não era secreto. Segun-

do Luís Carlos Prestes, em palestra em 1984, quando do 60º aniversário do início da Coluna, "no interior (do país), todos os domingos, na hora da missa, o chefe político chamava (as pessoas) à sua casa para assinarem um livro, de forma que no dia da eleição, esta já estava feita".

O primeiro levante tenentista ocorreu em 5 de julho de 1922, no Rio de Janeiro, com os seus principais membros conhecidos como os "18 do Forte". Depois de várias defecções, 18 militares marcharam pela praia de Copacabana, e apenas dois integrantes conseguiram sair com vida do confronto com as tropas do governo: Antônio de Siqueira Campos e Eduardo Gomes. Prestes participou ativamente da articulação do movimento no Rio, onde servia na Companhia Ferroviária de Deodoro, mas acabou não se rebelando no dia marcado por estar com tifo. Como punição, o então capitão foi transferido para o Rio Grande do Sul.

Depois do Rio, o foco de conspiração dos tenentes passou a ser São Paulo, onde eclodiu também em um 5 de julho, de 1924, a Revolução de São Paulo. Depois de ocuparem por três semanas a capital paulista, os revoltosos foram expulsos pelas forças governistas, fugindo em direção ao sul do país.

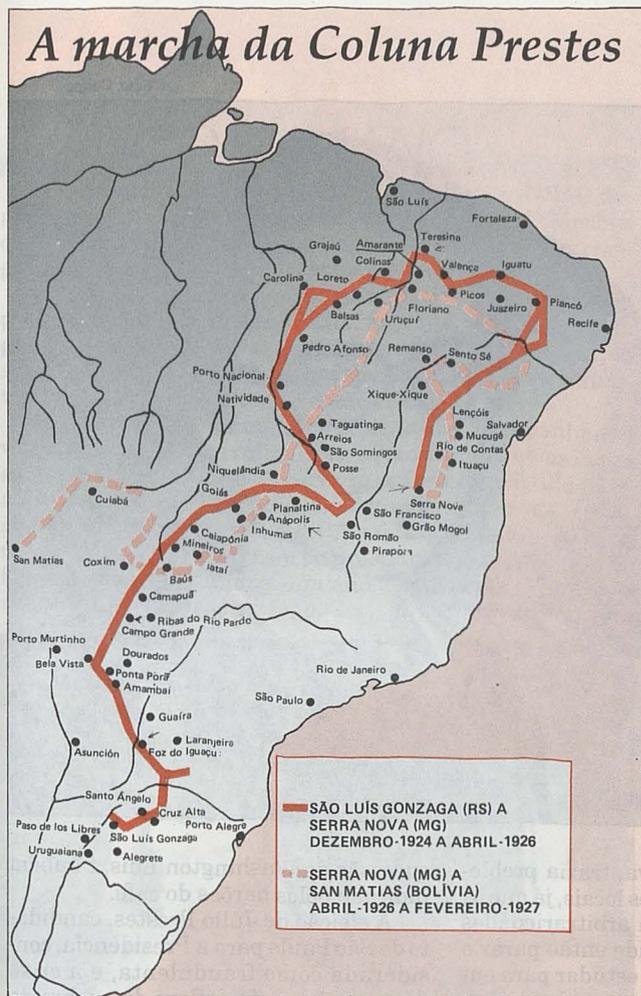
Na época, Prestes articulava a rebelião no Rio Grande, deflagrada na noite de 28 para 29 de outubro, em regimentos de Santo Ângelo, São Luís Gonzaga, São Borja e Uruguaiana. Depois de duas semanas, apenas o grupo de 1.500 homens, muitos deles civis, liderado por Prestes, resistia, ocupando o município de São Luís Gonzaga, cercado por 14 mil soldados dos tropas governistas.

Sabendo da movimentação uniforme do inimigo, Prestes percebeu que era possível furar o cerco passando entre duas unidades adversárias. "Atraves-



O comando da Coluna era formado por 12 oficiais, dos quais se destacou o capitão Luís Carlos Prestes (2º sentado da esq. para a dir.)

A marcha da Coluna Prestes



samos entre duas colunas, sem nenhum contato. Eu imaginava que talvez tivéssemos que combater. Não houve necessidade de nenhum combate”, disse Prestes em 1984.

Essa primeira ação bem-sucedida e a batalha de Ramada, no norte do Rio Grande do Sul, em janeiro de 1925, começam a dar prestígio ao movimento e, particularmente, a Prestes. Na opinião de Anita Leocádia, professora-adjunta do curso de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), a tática de constante movimentação das tropas, a chamada “guerra do movimento”, foi uma das razões para que a Coluna Prestes não fosse derrotada em confrontos com 18 generais leais ao governo, que articulavam suas tropas com a tática de ocupar espaços, a denominada “guerra de posição”. “Os deslocamentos constantes também eram encarados como uma forma de sobrevivência, diante de adversários mais armados e mais numerosos. Era uma inovação para a épo-

ca. Aplicou-se praticamente uma guerra de guerrilha”, diz Anita Leocádia.

O objetivo do movimento comandado por Prestes, segundo a historiadora, era derrubar o governo Artur Bernardes, e para isso os comandantes da Coluna queriam unir forças com os revoltosos derrotados em São Paulo e que estavam abrigados no oeste do Paraná desde setembro de 1924. “Em março de 1925, os paulistas sofreram uma derrota muito séria para as tropas governistas, exatamente por estarem presos à tática de guerra de posição, assim como os generais do governo. Devido à derrota, eles estavam com a moral

muito baixa. A perspectiva que se abria tanto para os paulistas quanto para os gaúchos era a união de forças”, revela Anita.

Em 11 de abril de 1925, a Coluna Prestes chega ao Paraná e se encontra com os paulistas. A solução encontrada pelos comandos para prosseguirem com o levante foi atravessar o rio Paraná, passar por um trecho do Paraguai e ingressar novamente no Brasil pelo Mato Grosso. O Marechal Cândido Rondon, que comandava as tropas governistas, considerava a transposição do rio Paraná impossível, segundo a autora de *A Coluna Prestes*, e garantia ao governo que os rebeldes estariam encurralados e que seriam liquidados. “Entretanto, a Coluna contorna o cerco, mantendo viva a revolução. Depois disso, Rondon acabou se aposentando”, diz Anita. Um dos objetivos dos líderes era também atrair as forças governistas para o interior do país, procurando facilitar novos levantes tenentistas no litoral.

Esses levantes, que acabaram não ocorrendo, serviriam para concretizar o objetivo fundamental dos líderes tenentistas, que era retirar Artur Bernardes do poder. Segundo a historiadora, o objetivo do movimento não era instalar uma ditadura militar “e sim entregar o governo a um civil, que moralizasse os costumes políticos e cumprisse a Constituição de 1921”.

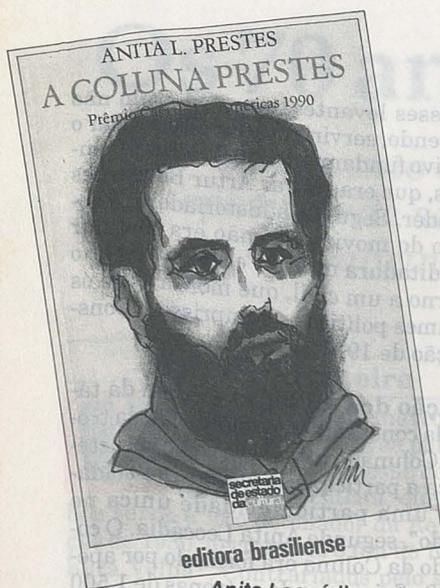
Ação dos soldados – Além da tática da constante movimentação da tropa, a Coluna Prestes teve como característica a participação efetiva dos soldados, “uma particularidade única no mundo”, segundo Anita Leocádia. O comando da Coluna era formado por apenas 12 oficiais, sendo as tropas de 1.500 homens e 50 mulheres, compostas por soldados, sargentos e civis. Desses últimos, a grande maioria se rebelou no Rio Grande do Sul e São Paulo e alguns se engajaram pelo caminho.

As chamadas “potreadas”, formadas por grupos de no máximo dez soldados, se adiantavam do núcleo central da Coluna, com a missão de obter gado para alimentação, cavalos para a montaria, e, principalmente, informações para que o comando pudesse conhecer a região e a movimentação inimiga, e assim definir o melhor caminho a seguir.

A estratégia permitia ao comando da Coluna “ter um conhecimento muito profundo do terreno em que estava pisando”, afirma Anita Leocádia, levando uma grande vantagem em relação às tropas inimigas, que não faziam esse trabalho de investigação.

A historiadora ressalta que essa tática somente funcionava porque os soldados tinham absoluta confiança no comando, deixando de ser meros cumpridores de ordens, como nas tropas tradicionais, para desempenhar um papel fundamental para a sobrevivência do movimento. “Eles se afastavam quilômetros do núcleo e podiam desertar se quisessem. Mas, apesar de serem pessoas simples, na grande maioria, eles tinham consciência que estavam lutando contra um governo despótico (Artur Bernardes), por mais justiça e por liberdade no Brasil.”

O exemplo dos soldados da Coluna Prestes, na opinião de Anita Leocádia, serve para desmentir a tese de que o brasileiro não tem disposição para se mobilizar, a não ser quando o assunto é



Anita Leocádia, autora de 'A Coluna Prestes', afirma que a participação efetiva dos soldados foi um dos fatores que contribuiu para o sucesso do movimento



Foto: Cedoc

samba ou futebol. "A Coluna mostra exatamente o contrário. O povo brasileiro quando encontra lideranças em que confia e que são capazes de conduzi-lo, se organiza e luta como qualquer outro povo com grande bravura."

Fim da marcha - Depois de dois anos e três meses, num total de 25 mil quilômetros percorridos por 13 estados brasileiros e pelo Paraguai, perseguidos não somente pelas tropas governistas, mas também por polícias militares estaduais e por jagunços ligados a coronéis do Nordeste, os líderes decidiram interromper o movimento, entrando na Bolívia e depondo armas diante de autoridades locais em 3 de fevereiro de 1927.

Na opinião da historiadora Anita Leocádia, a tática de guerra de movimento poderia ter prolongado o levante por mais tempo, mas o conhecimento da realidade da população do interior do país, ignorada pelos tenentistas até então, fez com que os líderes percebessem que a situação social não seria solucionada apenas com a derrubada do governo.

"Prestes, particularmente, ficou profundamente impressionado com a miséria do povo e não via uma solução para essa situação. Além disso, por

onde a Coluna passava, trazia problemas para as populações locais, já que os adversários cometiam arbitrariedades nos povoados. Ele decide então parar o movimento, emigrar e estudar para encontrar as soluções para a crise social. Ele tomará então contato com o marxismo. A defesa posterior das teses comunistas tem relação direta com o conhecimento da realidade brasileira durante a Coluna", diz Anita Leocádia. O término do governo Artur Bernardes e o clima de abertura política inicial implantada pelo sucessor Washington Luís, com o fim da censura à imprensa e do estado de sítio também colaboram para a interrupção do movimento.

O término da censura faz com que os feitos da Coluna Prestes comecem a ser divulgados, obtendo grande repercussão nos centros urbanos e aumentando o prestígio de Prestes perante a população das cidades em 1928 e 1929.

As vitórias da Coluna são usadas como bandeiras na campanha de Getúlio Vargas à Presidência, lançada pela Aliança Liberal, formada pelos tenentistas, gaúchos, paraibanos e mineiros. A oligarquia de Minas havia abandonado o acordo com São Paulo depois da indicação do paulista Júlio Prestes para a

sucessão de Washington Luís, também indicado pelos barões do café.

A eleição de Júlio Prestes, candidato de São Paulo para a Presidência, considerada como fraudulenta, e a crise dos preços do café, reflexo da quebra da Bolsa de Nova Iorque em 1929, afetando diretamente a economia brasileira, abrem o caminho para a Revolução de 3 de outubro de 1930, apoiada pelos tenentistas, mas não por Luís Carlos Prestes, que, segundo Anita Leocádia, sempre se colocou contra a candidatura Vargas.

A historiadora afirma que, com o prestígio obtido na época, Prestes poderia ter liderado a Revolução de 30 caso tivesse apoiado a Aliança Liberal, sendo presidente no lugar de Vargas.

Antes da Revolução, em maio de 1930, o "Cavaleiro da Esperança" lançou o seu famoso manifesto, rompendo publicamente com os tenentes e defendendo as teses socialistas de reforma social, agrária e antiimperialista. ■

* A República Velha, ou Primeira República, durou de 1889 a 1930, inicialmente marcada por presidentes militares (Deodoro da Fonseca e Floriano Peixoto). A partir de 1894, a oligarquia de São Paulo passa a comandar a política nacional, garantindo a escolha de pessoas de confiança para a Presidência. Em 1906, tem início a política do café-com-leite, que seria rompida em 1929, dando munição para a Revolução de 30.